Chance, M. R. A. The Intraestructure of mentality. In: McGuire, M. T. & Fairbanks, L. A., ed., *Ethological Psychiatry: Psychopathology in the context of evolutionary biology*. New York, Grune & Stratton, 1977.

Neste artigo, o autor pretende mostrar, principalmente, que a etologia atual tem contribuições importantes a fazer à psicologia, mesmo no que se refere à sua aplicação clínica, o que, à primeira vista, não nos ocorre. De maneira geral os psicólogos clínicos rejeitam previamente qualquer coisa ligada às descobertas da etologia, sem perceberem que esta pode trazer-lhes grandes contribuições.

O artigo a que me refiro é de autoria do Dr. M. R. A. Chance, *reader* em etologia da universidade de Birmingham, que recentemente desenvolveu interessante teoria, baseada na observação de comportamento de chimpanzés. Seu conceito fundamental é o da *atenção social*; leva em conta o papel da inteligência na consideração do estado mental e nos dá condições de analisar grupos sociais sob uma perspectiva interessante.

Segundo ele, a psicoetologia deveria ser vista como uma tentativa de definição do estado mental e da expansão da capacidade mental, o que aliás, a seu ver, é uma das grandes falhas da psiquiatria, psicanálise e psicologia clínica. Estas não têm um

conceito definido de saúde mental; só estudam o aspecto doentio, não possibilitando, portanto, a afirmação de que a cura foi alcançada. A descoberta de um conceito de saúde mental permitiria o estabelecimento dos critérios necessários para clarificar os objetivos da terapia. O problema está em achar o que constitui características de integração saudável do comportamento. O autor pretende mostrar, no seu artigo, que isso procede de sua descoberta da estrutura da atenção social.

Aí então é que entraria a inteligência, com um importante papel. Esta, aliás, também costuma ser relegada a segundo plano nos estudos psicológicos da personalidade. A esse respeito, Chance diz que o estudo da atenção social pode mostrar como a inteligência é constrangida por circunstâncias sociais. Ele define a inteligência como o grau máximo de utilização de informação relevante para guiar a ação ou pensamento: "Inteligência é a faculdade de assumir a situação do momento baseada na máxima consciência de todas as informações relevantes." A falta dessa consciência é o que incapacita o sujeito; portanto, a inteligência é simplesmente inoperativa na mente doente.

Para o autor, isso basta para afirmar que a operação e o controle do comportamento pela inteligência é um critério de saúde mental. O objetivo da terapia, segundo ele, deveria ser restaurar a operação da inteligência.

Para se entender melhor essa proposição, deve-se analisar mais detidamente o conceito de *atenção social*, que é o ponto central da teoria. Esta é função básica de estratégia de defesa, e seria, basicamente, a forma pela qual a inteligência se desenvolveria plenamente ou não, de acordo com o seu tipo. Ele distinguiu dois tipos de atenção social, por meio de observação sistemática: o hedônico e o agônico. Esses tipos foram diferenciados usando-se como critério a coesão, baseada na distinção entre sociedades cêntricas e acêntricas.

As relações hedônica e agônica são baseadas em diferentes mecanismos de coesão social: a hedônica opera intermitentemente no sentido de manter os indivíduos juntos, quando, então, são recompensados individualmente por várias formas de contato social. A natureza dessas relações sociais libera a atenção do indivíduo dos problemas sociais e o capacita para a exploração, que será recompensada. A agônica mantém os indivíduos separados, mas a atenção é concentrada num único foco social. Em sociedades agonísticas a distância que separa os indivíduos faz do contato um processo ritualizado para superar as constrições da separação.

Esclarecendo melhor, exemplifica o autor: "olhar um ao outro" é parte do padrão do comportamento agonístico, pois isso prende a atenção do sujeito nas relações sociais, não lhe deixando tempo suficiente para desenvolver e praticar a sua curiosidade. Por outro lado, o comportamento de "olhar em volta" enquanto os indivíduos estão próximos uns dos outros, o que se dá no estado hedônico relaxado, capacita os sujeitos para aquele desenvolvimento. Ele faz, ainda, interessantes comentários sobre as sociedades humanas, de acordo com esses padrões, e analisa o desenvolvimento da criança, relacionando o seu estudo com algumas teorias personalógicas.

Em síntese, os estudos do Dr. Chance sobre atenção social mostram que: a) somente o modo hedônico permite o desenvolvimento pleno da inteligência e da capacidade exploratória; b) a terapêutica seria, portanto, uma transferência para o modo hedônico de atuação; c) a psiquiatria teria que reconhecer o papel ativo e integrador da inteligência no desenvolvimento da personalidade.

GLÓRIA A. RAMOS